

Variedade terminológica na fraseologia

Terminological variety in phraseology

Heloisa Fonseca • Universidade Estadual Paulista, Brasil • heloisafonseca25@gmail.com

Resumo

A Fraseologia é uma disciplina que vem ganhando espaço no Brasil, tendo experimentado uma expansão significativa, principalmente, a partir dos anos 90. Nesse contexto, a produção teórica brasileira teve um início tardio, se comparada à produção de alguns países europeus e, portanto, foi bastante influenciada pelos estudos dos países precursores. Tal fato, associado às adaptações e às criações de novos termos pelos pesquisadores brasileiros, deu origem a uma vasta nomenclatura que pode representar um problema científico para a Fraseologia, tornando mais difícil a identificação, a caracterização e a descrição semântica e funcional dos termos da área. Com o objetivo de verificar a variedade terminológica de alguns conceitos e de identificar pontos que estabelecem as diferenças entre os termos, reunimos 80 textos do âmbito fraseológico brasileiro e os submetemos a análises, por meio da ferramenta *AntConc*, utilizada para trabalhos com *corpus* linguístico. Para isso, esta pesquisa toma por base algumas produções fraseológicas, como as de Nogueira (2008), Riva (2009), Rodrigues (2010), Monteiro-Plantin (2014), Ortiz Alvarez e Unternbäumen (2011), entre tantas outras produções brasileiras sobre o tema, além de trabalhos que versam sobre a linguagem especializada por meio dos escritos de Bevilacqua (2005), Tagnin e Bevilacqua (2013), Barros (2004), Barbosa (2014). Trata-se, portanto, de uma pesquisa terminológica sobre a Fraseologia, cujas referências teóricas vêm da Teoria Comunicativa da Terminologia, mais concretamente baseada em Bourigaut e Slodzian (1999), segundo os quais o termo pode ser concebido como o resultado de um estudo empírico dos dados presentes nos textos de análise.

Palavras-chave

Fraseologia • Terminologia • Termo • Conceito • Nomenclatura

Abstract

Phraseology is a discipline that has been gaining ground in Brazil since the 90s of the last century, from which date it has experienced a significant development. In this context, the Brazilian theoretical production can be considered late in relation to that developed in some European countries and, consequently, it is strongly influenced by the studies of these countries. This fact, which is associated with the adaptation and creation of new terms by Brazilian researchers, has given rise to a vast nomenclature whose diversity may constitute a problem for phraseology by making it difficult to identify, characterize and describe the semantic and functional terms of the discipline. Therefore, in order to check the terminological variety of some concepts and identify those points that cause the differences between them, we gather in this work eighty texts from the Brazilian phraseological field and analyze them with the tool *AntConc*, used in works with linguistic corpus. To this end, we base ourselves on some works of Brazilian phraseological research -such as those of Nogueira (2008), Riva (2009), Rodrigues (2010), Monteiro-Plantin (2014), Ortiz Alvarez and Unternbäumen (2011) - and on other specialized language researches -for example, Bevilacqua (2005), Tagnin and Bevilacqua (2013), Barros (2004) or Barbosa (2014). In that sense, this work offers a terminological investigation on phraseology, whose theoretical references come from the Communicative Theory of Terminology and from Bourigaut and Slodzian (1999), authors for whom the term can be conceived as the result of an empirical study of the data present in the analyzed texts.

Keywords

Phraseology • Terminology • Term • Concept • Nomenclature

1. Introdução

Neste trabalho, buscamos investigar a produção de termos pela Fraseologia, principalmente no que se refere ao contraste entre a vasta produção terminológica e a falta de consenso entre os especialistas sobre algumas noções básicas dessa disciplina. Nesse contexto, um estudo terminológico nos pareceu bastante promissor, pois possibilitaria identificar, diferenciar e definir estruturas ainda difusas, tais suposições estimularam a pesquisa e as análises que aqui apresentamos como resultados preliminares.

Com base nisso, primeiramente vamos elucidar algumas questões sobre os estudos fraseológicos, sua posição dentro da teoria da linguagem, trabalhos precursores, objeto de estudo, bem como algumas características básicas. Em seguida, abordaremos alguns pontos para um estudo terminológico, as principais correntes, a concepção da disciplina e o arcabouço teórico que nos guiará a um posicionarmos sobre o termo e sua relação com o *corpus*.

Por fim, descreveremos o percurso metodológico para a coleta dos textos, o tratamento dos dados para a composição do *corpus* e as ferramentas de análise. Também, comentaremos algumas escolhas que nos levaram aos resultados obtidos demonstrados por meio de uma amostra do vocabulário fraseológico proposto.

2. Fraseologia: uma disciplina a ser explorada

Se comparada à Terminologia, a Fraseologia, enquanto disciplina científica, é recente e teria origem da antiga URSS por volta dos anos de 1950, por meio dos trabalhos desenvolvidos por Vinogradov (Corpas Pastor, 1996). Apesar disso, certas unidades do universo fraseológico já vinham sendo estudadas, porém, de forma dispersa por gramáticos que observavam a existência de compostos que diferiam, em comportamento e estrutura, das unidades lexicais simples.

De acordo com a proposta por Pottier (1974), cuja categorização estabelece quatro tipos de lexias: as lexias simples (roupa), as lexias compostas (guarda-roupa), as lexias complexas (roupa do corpo) e as lexias textuais (roupa suja lava-se em casa); a Fraseologia seria responsável pelo estudo dos dois últimos tipos de unidades lexicais, quando concebida em sentido amplo, pois se abordada por uma visão restrita, admite a existência da Paremiologia, que estaria incumbida do estudo das lexias textuais. Nosso posicionamento está de acordo com a visão ampla de Fraseologia e acreditamos que essa disciplina contemple as lexias cujo comportamento se dá mais como sintagma e menos como palavra.

Segundo Monteiro-Plantin (2014, p. 21), Fraseologia “é o termo utilizado para designar tanto o conjunto de fenômenos fraseológicos como a disciplina que os estuda”. Contudo, no Brasil, tem-se preferido, para designar o objeto de estudo, o uso de “unidade fraseológica” e “fraseologismo”, já “Fraseologia” faria referência à disciplina científica. Desse modo, os fraseologismos apresentam características distintas das unidades lexicais simples:

Com essa noção de que uma unidade fraseológica é um arquilexema da série de denominações fraseológicas, podemos apresentar as propriedades essenciais e definitórias das chamadas unidades fraseológicas: *polilexicalidade*, *frequência*, *convencionalidade*, *fixação* e *idiomaticidade* (Martins, 2013, p. 32).

A definição acima trata de aspectos gerais que, de certa forma, estão presentes nas múltiplas estruturas estudadas pela Fraseologia, mas, além de possuem certas características comuns, também apresentam traços pragmáticos, semânticos ou sintáticos que as distinguem umas das outras, o que pode ter influenciado a variedade de denominações.

Com base nisso, muito se tem discutido sobre a delimitação do objeto, pois ao mesmo tempo em que as classificações explicam e exploram o funcionamento linguístico parecem restringir excessivamente as características de cada categoria, aumentando a nomenclatura interna.

[...] ainda não se dispõe infelizmente de um repertório completo das sequências fixas segundo suas características sintáticas, semânticas e pragmáticas que incluam a grande variedade de *provérbios*; *locuções proverbiais*; *formulas de intensificação*; *afronta ou desprezo*; *locuções expressivas*; *chavões ou lugares comuns*; *exclamações de assombro, surpresa, raiva, incômodo*; *circunlóquios humorísticos e frases humorísticas*; *fórmulas mnemotécnicas*; *rimas jocosas*; *revisões de textos religiosos*; *frases feitas para as situações, etc*¹ (Luque Nadal, 2010, p. 186).

A vasta nomenclatura pode ser contraproducente em algumas situações, pois ao proporem categorizações muito delimitadas, alguns autores acabaram por criar categorias quase impossíveis de serem contempladas, assim, quanto mais restrita é a categoria, mais difícil a classificação das unidades de caráter híbrido. Além disso, a falta de consenso para o estabelecimento de algumas definições dificulta o tratamento fraseológico do ponto de vista do rigor científico.

Com base nisso, propomos uma pesquisa terminológica da Fraseologia direcionada por *corpus* especializado, com o intuito de tentar aclarar algumas questões do universo fraseológico. Para tanto, usaremos os preceitos e a metodologia da Terminologia aliada ao trabalho com *corpus* eletrônico.

3. Terminologia e *corpus*

Pode-se dizer que, de certa forma, a Terminologia é tão antiga quanto a própria história da linguagem humana (Barros, 2004, p.28), uma vez que

¹ “todavía no se dispone por desgracia de un repertorio completo de las secuencias fijas según sus características sintácticas, semánticas y pragmáticas que incluyan la gran variedad de *refranes*; *dichos proverbiales*; *fórmulas de intensificación*; *desplantes y desprecios*; *locuciones expresivas*; *truismos o lugares comunes*; *exclamaciones de asombro, sorpresa, ira, fastidio*; *circunloquios humorísticos y frases humorísticas*; *fórmulas mnemotécnicas*; *rimas jocosas*; *revisiones de texto religiosos*; *dichos para las ocasiones, etc.*” (Luque Nadal, 2010, p. 186).

observados os fatos do mundo via-se a necessidade de sua denominação. Nomear, para o homem moderno, é estabelecer propriedade, conquistar o mundo que o cerca e, ao mesmo tempo, compreendê-lo e sistematizá-lo dentro dos domínios de sua arquitetura social.

A Terminologia, entretanto, vai muito além da simples nomeação das coisas no mundo. Tal como se configura nos dias atuais, como disciplina linguística, remete-se à década de 1930 e foi inicialmente proposta pelo austríaco Eugen Wüster, pesquisador que desenvolveu trabalhos teóricos, aplicados e institucionais (Cabré, 2003, p. 3). Seu objetivo era buscar uma linguagem técnica unívoca, na qual um termo somente poderia fazer alusão a um único conceito. O foco deveria ser dado ao conceito, pois este precede o termo. O autor manteve-se empenhado em “padronizar o uso de termos técnico-científicos de modo a alcançar a univocidade comunicacional no plano internacional, desenvolveu uma série de estudos sobre os termos que deram origem à Teoria Geral da Terminologia” (Krieger & Finatto, 2004, p. 20).

Algum tempo depois, por volta de 1990, Maria Tereza Cabré, propôs uma nova perspectiva teórica e metodológica para a Terminologia, por acreditar que o modelo wüsteriano era “reducionista e idealista, uma vez que parte do pressuposto de que o conhecimento especializado é uniforme e independente de línguas e culturas” (Barros, 2004, p. 57). Cabré determinou os princípios para a Teoria Comunicativa da Terminologia (posteriormente TCT), cujas bases centram-se numa concepção menos restrita do termo, o qual poderia transitar entre a linguagem geral e o discurso especializado, quando dentro de um discurso técnico-científico.

Cabré, assim como Wüster, enfatiza que o fazer terminológico deve primar pelo rigor da descrição dos conceitos de cada matéria especializada, no entanto flexibiliza a concepção de termo uma vez que os objetos passam a ser tratados pelo enfoque da linguagem natural, abordados dentro da teoria da linguagem. Do mesmo modo, as regras socioculturais também se aplicam à Terminologia, portanto, é preciso ter em mente a variação funcional devido à diversidade de situações comunicacionais.

Neste trabalho, nossas escolhas e ações foram direcionadas pela TCT, uma vez que concebemos a linguagem especializada como língua comum usada em âmbito restrito de um determinado campo. Quando propomos o tratamento da temática fraseológica, não estamos etiquetando um conceito em um significante, mas sim propondo definições gerais, de acordo com os textos que compõem o nosso *corpus* de análise. Para minimizar a flutuação terminológica, ou seja, a falta de consenso dos próprios especialistas sobre um dado conceito, partimos do texto para o termo, valendo-nos da linguística de *corpus*. Neste estudo, o termo é concebido como o resultado de uma análise empírica dos dados presentes nos textos coletados.

Para Bourigaut e Slodzian (1999), o trabalho com *corpus* constitui uma nova prática para a Terminologia, assim, algumas concepções teóricas necessitam ser observadas de acordo com as escolhas metodológicas. Segundo os autores, o texto

é “o ponto de partida da descrição lexical a construir. Indo do texto ao termo. As bases teóricas da Terminologia devem estar ancoradas em uma linguística textual”² (Bourigaut & Slodzian, 1999, p. 31). A homogeneização do conceito parte de nuances presentes nos próprios textos de trabalho e a normalização do sentido é entendida por meio das vozes de uma comunidade de especialistas de um determinado domínio, não como uma planificação terminológica (Bourigaut & Slodzian, 1999, p. 31).

Entretanto, todas as questões tratadas não são o bastante para levar a cabo esta pesquisa, faz-se necessário distinguir o que é *corpus*. Com base nas definições de alguns autores como Sanchez (1995), Baker (1995), Ducrot e Todorov (2001), Berber Sardinha (2000, 2004) e Tagnin (2004), podemos ressaltar três características principais dos *corpora*, que deveriam ser: a) eletrônicos, para serem processados por uma ferramenta computacional, b) criteriosamente separados, para que sejam pertinentes e para que haja uma homogeneidade e c) representativos, para que configurem uma parcela real da língua que se pretende estudar.

Nesse sentido, Auger e Rousseau (1978) vislumbraram uma separação entre o conceito de *corpus* para a Linguística e a para a Terminologia:

Em linguística, o *corpus* é definido como um conjunto de enunciados que submetemos à análise. Para os interesses da terminologia, é preciso especificar essa definição tomando o conjunto de fontes orais e escritas, referentes ao domínio a ser tratado e que nos propomos a utilizar, para estabelecer uma nomenclatura e submetê-la a um tratamento³ (Auger & Rousseau, 1978, p. 26).

A concepção de *corpus* que adotamos é a mesma de Auger e Rousseau, segundo a qual o *corpus* é uma reunião de textos de determinada área de especialidade e é dessa reunião de dados que se extrai a nomenclatura. Além disso, procederemos a uma pesquisa “direcionada pelo *corpus*”, de forma a extrair informações do *corpus* sem pressuposições. Em outras palavras, a base das definições, das ideias principais e dos contextos será sempre guiada pelo material que coletamos, o que se distingue de trabalhos “baseados em *corpus*”, aqueles que partem de uma suposição linguística que poderá ser confirmada ou refutada após análise.

4. Tratamento dos dados e análises

² “objet empirique d’une linguistique textuelle, le texte est le point de départ de la description lexicale à construire. On va du texte vers le terme. Les bases théoriques de la terminologie doivent être ancrées dans une linguistique textuelle” (Bourigaut & Slodzian, 1999, p. 31).

³ En linguistique, le corpus se définit comme un ensemble d’énoncés que l’on soumet à l’analyse. Pour les besoins de la terminologie, il faut spécifier cette définition en l’appliquant à l’ensemble des sources orales et écrites qui concernent le domaine à traiter et que l’on se propose d’utiliser pour établir une nomenclature et pour traiter cette nomenclature (Auger & Rousseau, 1978, p. 26).

Foram coletados 80 textos especializados de Fraseologia, todos disponíveis *on-line*, constituindo um *corpus* de aproximadamente 2.165.627 palavras. Para a reunião dos textos, valemo-nos do buscador *Google* e de palavras-chave como: fraseologia, fraseologismo, unidade fraseológica, expressão fraseológica, idiomaticidade, idiomática, fixidez, cristalização etc. Também restringimos as buscas por país e língua, pois somente nos interessavam textos em português e escritos por pesquisadores que atuam no Brasil, correspondendo a publicações compreendidas entre 1998 e 2015. A inspiração para o desenvolvimento desta pesquisa veio de Costa (2015), que desenvolveu projeto com metodologia semelhante, porém, para elencar os termos da Lexicografia.

Visando o balanceamento do *corpus*, tendo em mente as características dos distintos gêneros textuais, decidimos dar maior espaço aos artigos especializados, uma vez que a modalidade tende a focar um determinado aspecto do início ao fim da obra, o mesmo acontece com os anais e os capítulos de livro. As teses e dissertações, por sua vez, abordam assuntos variados, uma vez que são divididas em capítulos e, portanto, constituem uma parcela menos significativa do *corpus*. A representatividade dos textos no *corpus* pode ser observada no seguinte gráfico:

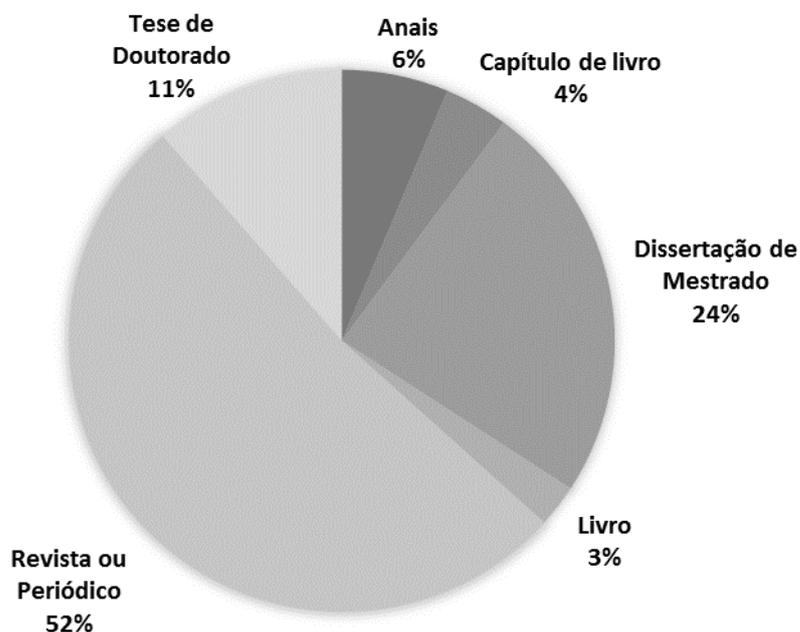


Gráfico 1- Corpus

Somando-se os anais e os capítulos de livros, temos que 62% do *corpus* é constituído por uma modalidade de texto que tende a passar por uma comissão de avaliação que emite pareceres antes da publicação final. Além disso, procuramos

autores renomados na área, autores como Bevilacqua (1998, 2005), Ortiz Alvarez (2000, 2014), Biderman (2005), Tagnin (2005), Succi e Xatara (2008), Riva (2009), Rios (2010), Matias e Parreira (2012), entre tantos outros. Nesse sentido, é preciso lembrar que a escolha do *corpus* foi feita tendo em mente a recolha de obras representativas, para que prevalecesse a qualidade e não a quantidade.

Uma vez selecionados os textos, foi preciso proceder à conversão do formato inicial “.pdf” para “.txt”, com codificação “UTF-8”, para que fosse possível o uso do programa de processamento de dados *AntConc*. As informações retiradas com a ajuda do *AntConc*, como os candidatos a termos, os contextos e as informações bibliográficas, foram registradas em um banco de dados *Access*, denominado *FraTerm*, cujas tabelas registraram: código, número de organização, data de registro, termo, indicação gramatical, variante, sigla, definição, contextos, fontes dos contextos, características (semas), remissiva e observações. Esses campos foram determinados tendo em vista o público alvo: pesquisadores e alunos interessados em Fraseologia.

Depois de listados os possíveis termos, por meio da *word list* e da *clusters/N-Gramas*, procedemos a uma análise utilizando a ferramenta *concordance* para delimitar os termos que seriam inseridos no banco de dados. Durante o processo, separamos de três a cinco contextos, dando preferência aos contextos descritivos e explicativos, e deles extraímos os traços de sentido, as “representações mentais de propriedades de um objeto” (Barros, 2004, p. 107). É o que podemos observar no termo “provérbio”:

<p>a) O provérbio se liga a diferentes formas de expressão tradicional, com as quais nem sempre é fácil traçar linhas divisórias exatas. Mas Amadeu Amaral nos ensina que eles (...) encerram um fundo condensado de experiência refletidas, são amostras de um “saber de experiências feito”, experiências da alma humana, das relações sociais, dos fenômenos da natureza, etc. Não há que discutir a legitimidade teórica ou lógica desse saber, um conjunto de verdades gerais adequadas à mentalidade média dos povos e expresso com a segurança da convicção.</p> <p>Outras feições características dos provérbios aludidos são a concisão e a elegância. Não há palavras inúteis. Freqüentemente dispensam-se mesmo palavras que poderiam ser úteis, como se se quisesse dar ao conjunto mais o atrativo de uma tal ou qual obscuridade. A frase é cadenciada: o provérbio, quando não é puro verso, é parente próximo deste, pelo ritmo e, muitas vezes, também pela rima. O todo, firme, enérgico, definitivo, brilha de uma certa originalidade de</p> <p>(SILVA, 1998, p. 13)</p>	<p><experiências refletidas> <concisão> <elegância> <ritmo> <rima> <grava-se facilmente na memória> <traços arcaicos></p>
<p>Para nós provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.</p> <p>Traços inerentes para a caracterização de provérbio.</p> <p>2.1. Freqüência e lexicalização 2.2. A lexicalização do provérbio 2.3. Origem 2.4. Cristalização do passado 2.5. Tradição 2.6. Universalidade 2.7. Função de eufemismo 2.8. Autoridade 2.9. Polifonia 2.10. Ideologia 2.11. Improvérbio 2.12. Função na mídia 2.13. Contexto e intertextualidade 2.14. Conotação, denotação e cristalização 2.15. Sinonímia e antonímia 2.16. Humor, criatividade e crenças 2.17. Moral da história 2.18. Aspectos estruturais</p> <p>(SUCCI; XATARA, 2008, p. 35)</p>	<p><unidade léxica fraseológica fixa> <consagrada> <recolhe experiências> <enunciado conotativo> <sucinto> <completo> <função de ensinar> <aconselhar> <consolar> <advertir> <repreender> <persuadir> <praguejar></p>
<p>O provérbio é, então, por nós entendido como unidade fraseológica caracterizada externamente por uma certa concisão e brevidade e, no plano interno, por apresentar elementos metafóricos que contêm uma mensagem de valores gerais referendada através de gerações e que deve ser seguida. Atua em nível do discurso escrito corrente na literatura medieval em língua latina como meio pedagógico, proporcionando aos interessados o discurso da sabedoria, que, no teocêntrico ambiente do medievo, pode ser alcançada através da revelação das verdades (humanas e bíblicas) e através do aprendizado dos discípulos dentro dos padrões éticos e morais condizentes com um cristão e que configuram implicitamente a aceitação de uma visão de mundo revelada e transmitida pela Igreja através de sua retórica de dogmatização do sagrado. Isto poderia perfeitamente ser referendado pela própria etimologia do termo <i>proverbium</i>, de <i>pro</i>, “em lugar de, em vez de”, entendido aqui como <i>prevérbio</i> e <i>verbum</i>, a “palavra”, o próprio Verbo original transmutado em carne e representado no mundo</p> <p>(JUNIOR, 2005, p. 4)</p>	<p><unidade frástica> <concisão e brevidade> <valores gerais> <referendada por gerações> <meio pedagógico> <discurso da sabedoria></p>

Quadro 1 - Contextos e trechos explicativos

A partir da separação dos contextos descritivos e explicativos, iniciamos a elaboração das definições utilizando as características extraídas dos trechos selecionados. Como representado na imagem:

FRATERM1			
Código	<input type="text" value="25"/>	N_ORG	<input type="text" value="1.3."/>
		DATA_REGISTRO	<input type="text" value="31/08/2016"/>
TERMO	<input type="text" value="provérbio"/>	s. m.	<input type="text" value="Termo privilegiado"/>
VARIANTE	<input type="text" value="SIGLA"/>		
REMISSIVA	<input type="text"/>		
DEFINIÇÃO	Categoria que representa uma unidade fraseológica completa, concisa e sentenciosa. Configura um enunciado cujo sentido não precisa de complemento e que se apresenta como voz da coletividade e da sabedoria, por retratar experiências ou crenças. Deste modo, desempenha funções diversas como: fazer refletir, ensinar, repreender, advertir, aconselhar, consolar, entre outras. É uma categoria de memorização rápida, pois pode valer-se de ritmo, de rimas, de composições binárias, de comicidade, além de outros recursos.		

Quadro 2 - Elaboração do termo

Propusemos também uma organização e indicamos o número da classificação na ficha entrada, com vista a facilitar a localização do termo no universo fraseológico em que ocorre. Para isso, procedemos a uma primeira subdivisão em disciplina (a) e objeto de estudo (0) e, a partir disso, categorias (1) e características (2).



As categorias e características são variáveis devido à natureza e ao funcionamento dos próprios fraseologismos, assim, é imprescindível manter a ideia do *continuum* fraseológico, ou seja, não há fronteiras claras entre domínios e, muitas vezes, um termo determina o funcionamento de outro, pois ambos compõem os processos fraseológicos. As delimitações, no entanto, são necessárias na medida em que se busca o estudo e o entendimento do funcionamento das estruturas fraseológicas.

A seguir, podemos ver uma amostra de três níveis do organograma do FraTerm, ordenada pelo termo privilegiado, seguido pelas remissivas:

Objeto de estudo – nível 0.

unidade fraseológica

s. f. Termo privilegiado. [UF] Objeto de estudo da Fraseologia, representado por uma unidade poliléxica e institucionalizada em uma dada cultura linguística, que apresenta certo grau de fixidez, frequência e expressividade. (0.) | fraseologismo/expressão fraseológica. Obs.: A característica idiomaticidade não entra na definição por não ser comum a todas as unidades fraseológicas.

Para a composição dos grupos e subgrupos do organograma, optamos por acatar aqueles aspectos que a maior parte dos autores julga como fundamentais para a identificação das unidades fraseológicas, também percebemos que muitos deles utilizam a proposta de Corpas Pastor (1996, p. 19-31). Assim, decidimos respeitar essa divisão por constituírem aspectos já estabelecidos e aceitos. Porém, fizemos algumas ressalvas, como a característica “idiomaticidade”, pois, quando vista em sentido amplo, a Fraseologia se ocupa de unidades como “de acordo com” e “além do mais”, cujo significado parece ser composicional.

Categorias – nível 1.

expressão idiomática

s. f. Termo privilegiado. [EI] Categoria de unidade fraseológica idiomática, cuja combinatória dos elementos integrantes não corresponde ao sentido geral, conotada, convencional e que constitui um enunciado incompleto. (1.2.) | idiomatismo/locução idiomática/fraseolexema.

fraseolexema

s. m. Ver: expressão idiomática (1.2.)

idiomatismo

s. m. Ver: expressão idiomática (1.2.)

locução idiomática

s. f. Ver: expressão idiomática (1.2.)

É preciso ter em mente que as categorizações são variáveis, que algumas unidades podem flutuar entre os critérios de delimitação. Desse modo, os termos “frequência”, “cristalização”, “institucionalização” e “especialização semântica”, apesar de não serem apresentados nesse artigo, são complementares, pois representam processos que ocorrem de maneira concomitante, em que um implica a ocorrência do outro. Reafirmamos que nossa proposta não é a única possível, esse arranjo foi estabelecido com o propósito de esclarecer alguns conceitos e determinar o espaço e a abrangência de alguns termos da Fraseologia.

Características – nível 2.

pluriverbalidade

s. f. Termo privilegiado. Característica que representa a composição da unidade fraseológica por mais de uma unidade lexical. (2.6.) | multilexicalidade/polilexicalidade/poliverbalidade.

multilexicalidade

s. f. **Ver:** pluriverbalidade (2.6.)

polilexicalidade

s. f. **Ver:** pluriverbalidade (2.6.)

poliverbalidade

s. f. **Ver:** pluriverbalidade (2.6.)

A importação, associada às adaptações e às criações de termos novos, culmina numa variedade de denominações que se referem ao mesmo objeto. Por exemplo, para fazer referência à “unidade pluriverbal”, além dos termos que expomos aqui, encontramos no *corpus* as seguintes possibilidades: “expressão multilexêmica”, “expressão multipalavra”, “expressão multivocabular”, “unidade poliléxica”, “unidade multiléxica”, “unidade multivocabular”, “unidade plurilexêmica”, “unidade poliverbal”, “unidade frástica” e “unidade polilexical”, todas as variações entrarão como remissivas do termo principal.

Além disso, e tendo em vista o processo de identificação e delimitação dos termos, podemos afirmar que a elaboração das definições tem se mostrado uma tarefa complicada, pois apesar de contarmos com contextos muito completos, eles são também muito variáveis. Pudemos perceber que os esclarecimentos, as delimitações mais precisas, vieram de trabalhos que restringiam os itens de análise, enquanto os trabalhos muito abrangentes, por não se aprofundarem, julgam conceitos distintos como sendo conceitos similares.

Por fim, é preciso ressaltar a importância da separação dos semas para a elaboração das definições, pois cada uma das “características” é subdividida em outros aspectos que, juntos, identificam peculiaridades do objeto de estudo. Por meio de tal procedimento, pudemos propor definições baseadas nos próprios trechos retirados do *corpus*, desta maneira, os termos constituem um rearranjo das vozes dos autores e das características já difundidas sobre os conceitos.

5. Considerações finais

Como a produção teórica referente à Fraseologia brasileira teve um início tardio, se comparada à Espanha ou à Rússia, por exemplo, é natural que os estudiosos brasileiros recorram a trabalhos já publicados nos países em que a tradição fraseológica é mais forte. No entanto, os termos mudam de uma comunidade linguística para outra, por isso, os espanhóis utilizam o termo “parêmia”, ao passo que os brasileiros preferem “provérbio”. Em decorrência desse fenômeno, acabamos por importar, também, a nomenclatura, por isso, é possível encontrar nas produções brasileiras o termo “parêmia” com sinônimo de “provérbio” e não somente como objeto da Paremiologia.

Essa multiplicidade de denominações poderia estar relacionada ao fenômeno já mencionado, de importação de teorias, à falta de consenso entre os linguistas ou à falta de aceitação das nomenclaturas já propostas, mas, ao mesmo

tempo, poderia ser um indicativo do aumento da produção brasileira, em outras palavras, um indício de que os pesquisadores brasileiros estão buscando e propondo conceituar os fenômenos fraseológicos com base em suas próprias observações.

Seja qual for a motivação, a superprodução de termos parece pouco adequada, pois dificulta o reconhecimento dos conceitos, ainda mais se pensarmos a reivindicação por parte de muitos teóricos de que a Fraseologia deve constituir uma disciplina científica autônoma. Nessa perspectiva, as bases metodológicas da Terminologia mostraram-se eficazes, permitindo uma reflexão acerca do conceito e das implicaturas e relações que um termo pode estabelecer com os outros termos da temática fraseológica.

Por fim, vale ressaltar que o nosso organograma não está fixo e finalizado, pois constitui uma proposta ainda incipiente, por esse motivo, pode ser mais efetivo identificar características e refletir sobre o comportamento dessas estruturas no uso, que a criação irreflexiva de categorias e grupo. Esperamos que este trabalho possa abrir caminhos e dar bases para outras pesquisas que venham a aperfeiçoar a classificação e as definições propostas.

Referências bibliográficas

- Auger, P. & Rousseau, L.-J. (1978). *Méthodologie de la recherche terminologique*. Québec: Office de la langue française.
- Baker, M. (1995). Corpora in Translation Studies: an overview and some suggestions for the future research. *Target*, 2(7), pp. 223-243.
- Barbosa, M. A. (2014). Formação do conceito em linguagens especiais. In Isquerdo, A. N. & Dal Corno, G. O. M. (orgs.), *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, Terminologia*, (VII). Campo Grande: UFMS, pp. 413-424.
- Barros, L. A. (2004). *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp.
- Berber Sardinha, T. (2000). Linguística de corpus: histórico e problemática. *D.E.L.T.A.*, 2(16), pp. 323-367.
- _____. (2004). *Linguística de Corpus*. São Paulo: Monole.
- Bevilacqua, C. R. (1998). Unidades fraseológicas especializadas: novas perspectivas para sua identificação e tratamento. *Organon*, 26(12), pp. 1-8.
- _____. (2005). Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. *Língua & Literatura*, 10-11, pp. 73-86. Disponível em <http://www.revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/40>.
- Biderman, M. T. C. (2005). Unidades complexas do léxico. In Rio-Torto, G. & Figueiredo, O. M. & Silva, F. (orgs.), *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto, Portugal: U. Porto, pp. 747-757.
- Bourigault, D.; Slodzian, M. (1999). Pour une terminologie textuelle. *Terminologies nouvelles*, 19, pp. 29-32.
- Cabré, M. T. (2003). Teorías de la terminología: de la prescripción a la descripción. In Adamo, G. & Della Valle, V. (eds.), *Innovazione lessicale e terminologie specialistiche*. Serie Lessico Intellettuale Europeo, vol. 92, pp. 168-188. Florencia: Leo S. Olschki Editore.
- Corpas Pastor, G. (1996). *Manual de fraseologia española*, Madrid: Gredos.
- Costa, L. M. A. (2015). *Reflexões sobre a variação terminológica na lexicografia corrente no Brasil e a construção das bases teórico-metodológicas para o dicionário de lexicografia brasileira*. São José do Rio Preto, Brasil: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Tese de Doutorado.
- Ducrot, O. & Todorov, T. (2001). *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva.
- Krieger, M. G. & Finatto, M. J. B. (2004). *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto.
- Luque Nadal, L. (2010). *Fundamentos teóricos de los diccionarios lingüístico-culturales*. Granada: Educatori/Granada Lingvistica.
- Martins, V. P. S. (2013). *Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro*. Fortaleza, Brasil: Universidade Federal do Ceará. Tese de Doutorado.
- Matias, G. R. & Parreira, M. C. (2012). Breve análise discursiva em três dicionários de fraseologia. *Estudos da Língua(gem)*, 2(10), pp. 161-180.
- Monteiro-Plantin, R. S. (2014). *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna*. Fortaleza, Brasil: Imprensa Universitária.

- Nogueira, L. C. R. (2008). *A presença das expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros*. Universidade de Brasília, Brasília. Dissertação de Mestrado.
- Ortiz Alvarez, M. L. (2000). *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do Espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. Campinas, Brasil: UNICAMP. Tese de Doutorado.
- _____. (2014). Enunciados fraseológicos: uma amostra de linguagem e cultura no tempo e no espaço. *Revista Intercâmbio*. Disponível em <http://2014.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/1363/2261.pdf>.
- Ortiz Alvarez, M. L. & Unternbäumen, E. H. (orgs.). (2011). *Um (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas, Brasil: Pontes Editores.
- Pottier, B. (1974). *Linguistique générale: théorie et description*. Paris: Klincksieck.
- Rios, T. H. C. (2010). *A descrição de idiomatismos nominais: proposta fraseográfica português-espanhol*. São José do Rio Preto, Brasil: Universidade Estadual Paulista. Tese de Doutorado.
- Riva, H. C. (2009). *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa no Brasil*. São José do Rio Preto, Brasil: Universidade Estadual Paulista. Tese de Doutorado.
- Rodrigues, G. (2010). Estudo sobre as expressões idiomáticas e o uso de dicionários especiais da língua portuguesa no ensino fundamental. São José do Rio Preto, Brasil: Universidade Estadual Paulista. Dissertação de Mestrado.
- Sanchez, A. (1995). Definición e historia de los corpus. In Sanchez, A. et al (org.) *CUMBRE - Corpus lingüístico del español contemporáneo*. Madrid: SGEL.
- Succi, T. M. & Xatara, C. M. (2008). Revisitando o conceito de provérbio. *Revista Veredas*, 1, pp. 33-48.
- Tagnin, E. (2004). *Corpora: o que são e para quê servem*. Minicurso. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlm/comet/Novo/Lexicografia.pdf>.
- _____. (2005). O humor como quebra da convencionalidade. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 1(5), pp. 247 - 257.
- Tagnin, S. & Bevilacqua, C. (orgs.). (2013). *Corpora na Terminologia*. São Paulo: Hub Editorial.